

ESTÁGIOS EM AMBULATÓRIO HEMATOLÓGICO COMO FERRAMENTA DE ENSINO E POPULARIZAÇÃO DA ESPECIALIDADE: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

RS Giuliano, BJP Rabello, CDC Lima, DD Barros,
HCL Filho, JVS Valadares, MLB Neto,
SC Oliveira, VLF Santos, NBA Miranda

Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS),
Feira de Santana, BA, Brasil

Introdução: A hematologia é uma especialidade clínica crucial para a população, lidando com o diagnóstico e tratamento de doenças sanguíneas. Apesar disso, apenas 0,7% dos médicos especialistas optaram por essa área, conforme a Demografia Médica Brasileira de 2023. Diante disso, estágios para alunos de graduação desde o início do curso de medicina são uma ferramenta para aumentar a exposição e o interesse dos estudantes na área. **Objetivo:** Descrever a experiência de alunos de medicina do primeiro ao quarto ano nas vivências proporcionadas por estágios em ambulatório hematológico. **Métodos:** Os estágios foram oferecidos pela Liga Acadêmica de Hematologia e Hemoterapia (LAHEMO) da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), sob supervisão da docente orientadora no Hospital Geral Clériston Andrade. O acompanhamento ocorreu uma vez por semana durante um ano (2023-2024), com rotações de dois alunos por dia. No total, cinco alunos participaram, abrangendo do primeiro ao quarto ano da graduação da UEFS. **Relato de experiência:** Os estagiários acompanharam os internos do curso da UEFS, supervisionados pela docente orientadora, nas consultas ambulatoriais. Nessas experiências, puderam observar e participar do raciocínio clínico, desde a anamnese e exame físico até a discussão dos casos com a professora. A condição mais frequentemente lembrada pelos estudantes foi a anemia, especialmente a anemia falciforme, altamente prevalente na Bahia e no Nordeste. Além disso, os alunos acompanharam casos mais complexos, como doença do enxerto. **Discussão:** A experiência prática foi inestimável para o desenvolvimento dos discentes. O início precoce, envolvendo alunos do primeiro e segundo ano, fomentou o interesse pela hematologia e os preparou com bagagem clínico-prática para o estudo teórico subsequente. Não só isso, o contato com a prática de anamnese e exame físico foi significativo para os alunos do ciclo básico e a discussão de casos reais auxiliou na consolidação do conhecimento no ciclo clínico. Além disso, a experiência incentivou os alunos a aprofundarem seus estudos individuais e coletivos sobre o tema – e a liga promoveu palestras e cursos sobre tópicos de maior interesse, como a interpretação de exames laboratoriais. Por fim, mesmo que nem todos os discentes sigam para a hematologia, a experiência aprimorou o conhecimento sobre o tema, o que há de ter impacto positivo na saúde da população – por exemplo, ao aumentar o contato com pacientes de anemia falciforme, prevalente na região da Universidade. **Conclusão:** Em suma, a vivência discente no estágio ambulatorial em hematologia desempenhou um papel importante no desenvolvimento clínico e na motivação para o estudo teórico. O acompanhamento de casos reais e complexos despertou o interesse pela hematologia e capacitou os alunos para lidar com afecções

frequentes na região, como a anemia falciforme. Além disso, a prática ajudou na consolidação do conhecimento teórico e incentivou o aprofundamento dos estudos, promovendo uma formação mais robusta e integrada, contribuindo significativamente para a preparação e consciência dos alunos.

<https://doi.org/10.1016/j.htct.2024.09.1871>

PERFIL EPIDEMIOLÓGICO E IMPACTOS FINANCEIROS DAS INTERNAÇÕES POR ANEMIA FERROPRIVA NA POPULAÇÃO BRASILEIRA EM CINCO ANOS (2019-2023)

RS Giuliano, SC Oliveira, ACJ Costa, BJP Rabello,
CDC Lima, DD Barros, HCL Filho, MLB Neto,
VLF Santos, NBA Miranda

Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS),
Feira de Santana, BA, Brasil

Introdução: Anemia ferropriva é definida pela Organização Mundial de Saúde como a contagem da hemoglobina sanguínea abaixo do normal por carência de ferro, gerando redução da capacidade cognitiva, entre outros prejuízos à saúde como fadiga e fraqueza. Por se tratar de uma afecção carencial e, portanto, evitável, urge conhecer o perfil epidemiológico e quantificar o dispêndio desse agravo para justificar e planejar ações em saúde. **Objetivo:** Descrever o perfil epidemiológico e os gastos do Sistema Único de Saúde com internações por anemia ferropriva no Brasil, entre os anos de 2019 a 2023. **Métodos:** Estudo epidemiológico, descritivo e retrospectivo, com dados do Sistema de Informações Hospitalares do Sistema Único de Saúde (SIH-SUS), coletados da plataforma DATASUS. Os dados de internações e de gastos financeiros por esse agravo, entre janeiro de 2019 a dezembro de 2023, foram analisados pelo Microsoft Excel e fez-se o teste de correlação de Pearson via software R. **Resultados:** No período foram registradas 62.978 internações no Brasil, com maior incidência em pessoas do sexo feminino (58,3%), na faixa etária acima de 40 anos (76,3%) – principalmente de 70 a 79 anos (17,4% do total) e 80 anos ou mais (17,7% do total) – e na etnia parda (41,4%), seguida da branca (34%). A análise das internações por região revela que 41,4% se deram no Sudeste, 26,2% no Nordeste, 15,9% no Sul, 8,4% no Norte e 8,2% no Centro-Oeste. Por unidades da federação, as internações concentraram-se em São Paulo (23,2%), seguido de Minas Gerais (11,5%), Paraná (7,2%) e Bahia (7,0%). No que tange o dispêndio financeiro no período, R\$27.288.876,61 foram gastos nessas internações e nota-se – apesar de discreta queda de 0,1% em 2020 – tendência estatisticamente significativa de aumento com a progressão dos anos, corroborada por um alto coeficiente de correlação de Pearson ($r=0,9686$, $IC_{95\%}=[0,593; 0,998]$, $\text{valor-}p=0,006663$), que indica uma forte associação linear positiva entre as variáveis. No início do período, foram gastos R\$4.310.584,38 com 10.983 internações enquanto ao final foram R\$6.782.648,32 com 14.657 internações – um aumento médio anual de R\$618.015,99 e 919 internações. Além disso, o valor investido foi maior nas regiões e estados com maior incidência de internações. **Discussão:** Nota-se que os resultados apresentados concordam com a literatura

científica. Observa-se mais internações no sexo feminino, possivelmente relacionado à significativa perda sanguínea na menstruação; a predominância de idosos dentre os internados pode se associar ao maior uso de medicamentos, capazes de alterar o metabolismo do ferro, nesse grupo. Por outro lado, apesar de a literatura relatar maior prevalência do agravo no Nordeste e Centro-Oeste, encontrou-se maior número de internações no Sudeste, o que pode ser atribuído a um maior acesso a recursos nessa região. Por fim, a inesperada, ainda que discreta, queda nas internações e valor gasto no ano de 2020 podem associar-se a uma relutância em buscar serviços de saúde devido à pandemia de COVID-19. **Conclusão:** O perfil epidemiológico da anemia ferropriva no Brasil é de indivíduos do sexo feminino, maiores de 40 anos, pardos e a maioria das internações ocorreu no Sudeste. Ainda, o custo devido à crescente incidência de internações por esse agravo revela necessidade de maior investimento em medidas preventivas à carência de ferro, a fim de evitar internações, o que há de poupar gastos e promover a saúde da população.

<https://doi.org/10.1016/j.htct.2024.09.1872>

PREVALÊNCIA E PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DOS DOADORES DE SANGUE COM SOROLOGIA REAGENTE PARA SÍFILIS NO HEMOCENTRO DE SERGIPE

JGP Santana ^a, MLA Cruz ^a, LPOL Silva ^a, MDS Silva ^b, LAH Marinho ^b, MAF Porto ^{a,b}

^a Universidade Federal de Sergipe (UFS), Aracaju, SE, Brasil

^b Centro de Hemoterapia de Sergipe (HEMOSE), Aracaju, SE, Brasil

Objetivo: Com o aumento observado na prevalência de sorologia para sífilis, o presente trabalho teve como objetivo analisar a prevalência e caracterizar o tipo de doador positivo para sífilis que doou no HEMOSE entre os anos de 2012 a 2022. **Materiais e métodos:** Aprovado pelo comitê de ética, este é um estudo descritivo exploratório retrospectivo com a utilização de dados de doadores de sangue que constam nos registros do sistema Hemovida. **Resultados:** Nestes 11 anos de estudo, 283.246 mil doadores passaram pelo HEMOSE. Destes, 1,4% tiveram teste positivo para sífilis. O ano de 2012 foi o responsável pela maior prevalência (1,97%), equivalente a 11,82% do total de sorologias reagentes, tendo novo aumento em 2022 (1,75%). Em relação ao sexo, estado civil e procedência dos doadores com teste positivo para sífilis, identificou-se que 67,25% com sorologia positiva eram do sexo masculino, que 69,57% eram solteiros e que 44,77% foram do município de Aracaju, dados estes equivalentes aos doadores gerais de sangue. Quanto à idade, houve uma menor prevalência no grupo 1 (0,98%), grupo com idades entre 16 e 30 anos, e uma maior prevalência no grupo 3 (3,54%), grupo representado por maiores de 50 anos, diferindo da população geral de doadores. Em relação ao nível de escolaridade houve uma maior prevalência de positividade no grupo não alfabetizado (3,87%) com queda progressiva de acordo com o grau de

escolaridade, sendo a menor prevalência no grupo com ensino superior completo (0,82%), diferindo da população geral de doadores. **Discussão:** A prevalência de doadores com sorologia positiva para sífilis esteve praticamente estável nos anos de 2013 a 2019, com aumento em 2022, resultados estes concordantes com os dados do Ministério da Saúde sobre o aumento expressivo de casos em 2021 e 2022. Assim como no estudo de Lúcia, 2019, na Paraíba, o sexo masculino em testes positivos foi o predominante. Quanto à idade evidenciou-se que o grupo com a faixa etária mais elevada apresentou a maior taxa de positividade, estando assim, alinhado ao estudo de Barros et al, 2023, que constatou a tendência crescente da taxa de detecção de sífilis em pessoas dessa faixa etária em todo o território brasileiro. Outro dado que chamou atenção foi a escolaridade, com uma correlação inversa entre nível de escolaridade e positividade, concordando com a literatura nacional, que mostra padrões de acometimento relacionados com a falta de conhecimento e educação. Em relação ao município de origem, o maior quantitativo foi na capital e em municípios mais próximos ao HEMOSE, sendo o fato possivelmente explicado pela maior quantidade de doadores provenientes dos mesmos. **Conclusão:** Embora estratégias governamentais para prevenção de doenças infecciosas tenham sido traçadas, observou-se que houve aumento nas sorologias reagentes para sífilis no último ano da análise, sendo que os mais acometidos foram os com maior idade e menor nível de escolaridade. Nesse contexto, estratégias focadas na expansão de campanhas educativas são essenciais para segurança no processo de doação de sangue e saúde pública.

<https://doi.org/10.1016/j.htct.2024.09.1873>

DISCERATOSE CONGÊNITA COM DIAGNÓSTICO NA 4ª DÉCADA DE VIDA: A LONGA JORNADA NO SUS

MAL Lalia ^a, NCF Infante ^a, JR Menezes ^a, GG Medeiros ^a, MP Batista ^b, LFF Marins ^a, LP Andrade ^a, LAPC Lage ^c, J Pereira ^c, RO Costa ^a

^a Faculdade de Ciências Médicas de Santos (FCMS), Centro Universitário Lusíada, Santos, SP, Brasil

^b AFIP Medicina Diagnóstica - Associação de Incentivo a Psicofarmacologia, São Paulo, SP, Brasil

^c Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP), São Paulo, SP, Brasil

Objetivos: Relatar caso de disceratose congênita (DC), diagnóstico tardio, na 4ª década de vida, apesar da presença de dados de história e apresentação clínica clássica que compõem a doença estarem presentes no paciente. **Material e métodos:** Paciente masculino, 44 anos, referenciado para hemato por pancitopenia grave. Referia astenia crônica, dispneia progressiva há 4 meses e febre. Ao EF estava descorado, com anoníquia, máculas hipocrômicas disseminadas e leucoplasia oral. Referia alterações de pele e fâneros há anos, sem precisar quantos. Os antecedentes pessoais se limitavam a contraindicação a procedimentos cirúrgicos por problemas de coagulação, SIC, negando outras comorbidades. Já tinha recebido hemocomponentes em internações pregressas em